



1. Aumentar o conhecimento sobre a população judaica e o judaísmo
2. Ultrapassar preconceitos inconscientes
3. Abordar preconceitos e estereótipos antissemitas
4. Desconstruir as teorias da conspiração
5. Ensinar sobre antissemitismo através da educação sobre o Holocausto
6. Abordar a negação, a distorção e a banalização do Holocausto
7. O antissemitismo e o discurso da memória nacional
8. Lidar com incidentes antissemitas
9. Lidar com o antissemitismo online
- 10. O antissemitismo e a situação no Médio Oriente**

---

# O antissemitismo e a situação no Médio Oriente

A evolução do panorama internacional é, por vezes, utilizada como pretexto para dar voz ao antissemitismo. Tal discurso tem sido condenado internacionalmente. No Conselho Ministerial da OSCE em Basileia, em 2014, os Estados participantes declararam sem ambiguidade que a evolução do panorama internacional, inclusive no que diz respeito ao Médio Oriente, nunca justifica o antissemitismo.<sup>1</sup> O Secretário-Geral das Nações Unidas, António Guterres, declarou em agosto de 2017 que, “expressar [...] o desejo de destruir o Estado de Israel é uma forma inaceitável de antissemitismo moderno.”<sup>2</sup>

Os professores da região da OSCE expressaram ansiedade sobre a forma como questões relacionadas com o conflito Israel-Palestina poderiam influenciar os seus esforços de combate ao antissemitismo na sala de aula. Alguns sentem-se inadequadamente preparados para lidar com tais questões. Independentemente

de qualquer posição tomada, separar as questões relacionadas com o conflito Israel-Palestina da questão de abordar o antissemitismo na região da OSCE raramente é possível na prática, porque tanto os laços migratórios como outros laços internacionais entre vários grupos, bem como a cobertura mediática global, significam que as questões de uma parte do mundo não podem ser isoladas das questões de outra parte do mundo.<sup>3</sup>

Os educadores devem conhecer o que é o antissemitismo e estar informados relativamente a alguns dos debates relativos às suas complexidades. Este material pedagógico visa fornecer as ferramentas necessárias para apoiar os professores quando se deparam com antissemitismo relacionado com a situação no Médio Oriente. A informação fornecida destina-se a ajudar a prevenir e a resolver confusões e mal-entendidos ao abordar este tópico complexo na sala de aula.

---

<sup>1</sup> Declaração n.º 8/14 do Conselho Ministerial da OSCE, “Declaration on Enhancing Efforts to Combat Anti-Semitism”, Basileia, 5 de dezembro de 2014, <<http://www.osce.org/cio/130556?download=true>>.

<sup>2</sup> Secretário-Geral das Nações Unidas, declarações do Secretário-Geral aos meios de comunicação social com o Primeiro-Ministro Benjamin Netanyahu, de Israel, 28 de agosto de 2017, <<https://www.un.org/sg/en/content/sg/press-encounter/2017-08-28/secretary-general%E2%80%99s-remarks-media-prime-minister-benjamin>>.

<sup>3</sup> Paul Weller e Ihsan Foster, “Report on Classroom Challenges for Teaching About and Addressing Anti-Semitism in the OSCE Region”, Universidade de Derby, 17 de maio de 2019, p. 40-41, <<https://derby.openrepository.com/handle/10545/623753>>. Esta investigação foi preparada em resposta a um pedido do Gabinete para as Instituições Democráticas e os Direitos Humanos (ODIHR) da OSCE e financiada por este organismo, tendo sido levada a cabo entre 2016 e 2018.

---

# Contexto

Nos últimos anos, indivíduos, grupos ou bens vistos como sendo judaicos ou associados à comunidade judaica têm sido, por vezes, reinterpretados como símbolos do Estado de Israel e das suas políticas. Esta reinterpretação levou a que se tornassem alvo de ataques e/ou discriminação, muitas vezes de natureza antissemita. Tais incidentes podem ser mais prováveis quando as tensões aumentam na região. O povo judeu pode censurar-se na escola, no local de trabalho, na Internet ou em contextos sociais, e, assim, não usufruir do seu direito à liberdade de expressão, especialmente se expressar empatia ou apoio a Israel.

Está em curso um debate sobre se as atitudes negativas atuais em relação aos judeus refletem um “novo antissemitismo” ou se são os mesmos preconceitos com um novo disfarce. O antissemitismo novo ou contemporâneo pode incluir manifestações de antissemitismo no contexto de debates relacionados com a situação no Médio Oriente ou formas de antissemitismo que

surgiram após o Holocausto, tais como a negação e a distorção do Holocausto.

As críticas a Israel semelhantes às formuladas contra qualquer outro país não podem ser consideradas antissemitas.<sup>4</sup> No entanto, é importante que os educadores compreendam que as críticas a Israel podem, em alguns casos, ser informadas por suposições e crenças antissemitas que são simplesmente aplicadas ao sionismo, a Israel e ao conflito israelo-palestiniano. Isto é evidenciado quando slogans antissemitas, insultos e, por vezes, a intimidação física acompanham tais atos. Considerar os judeus ou o povo judeu como um todo responsáveis pela situação no Médio Oriente ou excluir pessoas com base apenas na sua identidade judaica é antissemita. A propaganda antissemita que circula online é uma fonte chave para estas manifestações de antissemitismo.

Em alguns círculos, os negacionistas do Holocausto afirmam que a mentira judaica sobre o Holocausto

reforça o apoio ocidental ao Estado de Israel.<sup>5</sup> Isto pode ser acompanhado por temas clássicos antissemitas, tais como acusações de ganância, poder, engano e criminalidade.

Tanto online como no mundo real, as perspetivas anti-Israel fundem-se por vezes com antigos estereótipos antijudaicos, o que pode ser muito prejudicial. O mito de uma conspiração judaica global tem ecoado nas opiniões contemporâneas sobre a suposta sobrerrepresentação do povo judeu em vários setores sociais e económicos, ou sobre a influência judaica nas instituições. Isto também pode ser visto em acusações de que o povo judeu é responsável por praticamente todas as guerras ou catástrofes, tais como as Guerras do Golfo Pérsico ou a ascensão de grupos extremistas violentos no Médio Oriente. Nos últimos anos, a Internet proporcionou às teorias da conspiração, incluindo às teorias da conspiração antissemitas, um maior alcance e uma certa legitimidade.

---

<sup>4</sup> Definição operacional de antissemitismo adotada pela Aliança Internacional para a Memória do Holocausto (IHRA) em 2016, <<https://www.holocaustremembrance.com/working-definition-antisemitism>>.

<sup>5</sup> *Addressing Anti-Semitism: Why and How? A Guide for Educators* (Varsóvia e Jerusalém: ODIHR e Yad Vashem, 2007), <<http://www.osce.org/odihr/29890?download=true>>, p. 25.

---

De forma a responder eficazmente a tropos antissemitas, estereótipos e equívocos, é necessário que consigamos identificar as suas várias formas e compreender como estas falsidades se desenvolveram ao longo do tempo. Abaixo estão alguns dos mitos mais persistentes, tropos e memes sobre judeus, que se destinam a ser ilustrativos e não exaustivos.<sup>6</sup>

#### *Libelo de sangue*

Durante centenas de anos, os judeus têm sido falsamente acusados de matar pessoas não judaicas para fins ritualísticos e supostamente em conluio com o Diabo. Na Europa medieval, a partir do século XII, isto foi frequentemente acompanhado por acusações de que os judeus usavam o sangue das suas vítimas para cozer *matzah* para o feriado judaico do Pessach. Historicamente, estas falsas alegações têm sido frequentemente seguidas de motins antissemitas e assassínios em massa. Os ecos deste libelo de sangue ainda hoje se podem ouvir no discurso.

#### *Demonização*

Com início principalmente no século IV, algumas figuras influentes da teologia cristã associaram os judeus ao Diabo ou a elementos demoníacos. Durante alguns períodos da Idade Média, os judeus eram vistos como filhos do Diabo, retratados com chifres e olhos salientes e associados a atributos satânicos, tais como um poder imenso e uma lógica duvidosa. No mundo contemporâneo, estas imagens estão a ser ressuscitadas em representações de judeus, individual ou coletivamente, com características malévolas. Isto pode ser visto, por exemplo, em caricaturas de figuras públicas judaicas retratadas como demónios ou diabos.

#### *Dupla ou falta de lealdade nacional*

Os judeus estão frequentemente sujeitos a alegações de que conspiram para moldar a política pública em nome dos interesses judaicos, ou que o seu patriotismo é menor do que o de outros cidadãos. Isto manifesta-se ocasionalmente na forma de alegações de que

os judeus, coletivamente ou a nível individual, não são leais aos seus países de origem. Para serem aceites como compatriotas nacionais, pede-se por vezes aos judeus que neguem a sua ligação com Israel, apesar de Israel constituir frequentemente uma parte central da identidade judaica. Este mito também pode aparecer em afirmações de que os judeus não participam proporcionalmente no serviço militar ou noutras esferas públicas da vida em estados democráticos.

#### *Comunicação social*

Alegações do controlo judaico dos meios de comunicação social persistem desde pelo menos o início do século XIX e foram repetidas nos *Protocolos dos Anciãos de Sião*.<sup>7</sup> Nos séculos XX e XXI, as pessoas de ascendência judaica presumida ou real, que podem ter tido influência pessoal como resultado do cargo que ocupam num determinado meio de comunicação social, têm sido associadas a acusações de “controlo judaico” geral sobre toda a indústria dos meios de

---

<sup>6</sup> O parágrafo anterior e os exemplos de mitos e estereótipos são retirados de *Addressing Antisemitism through Education*, pp. 80-83. Esta publicação da UNESCO-OSCE/ODIHR está disponível em várias línguas em: <<https://www.osce.org/odihr/383089>>.

<sup>7</sup> Os *Protocolos dos Anciãos de Sião* constituem um texto antissemita forjado que pretende descrever um plano judaico de domínio global. Foi publicado pela primeira vez na Rússia, em 1903, e exposto como plágio grosseiro em 1921. Tem sido traduzido para várias línguas e divulgado internacionalmente desde o início do século XX.

---

comunicação social. Alguns grupos referem-se, em vez disso, ao “controlo sionista” dos meios de comunicação social. A ideia afirma que estas pessoas atuam em conjunto ao longo do tempo de uma forma conspiratória para tomar decisões, mas ignora o facto de muitas outras pessoas, que podem ser semelhantes de alguma forma, serem também funcionárias na indústria da comunicação social, e que a sua variedade, vastidão e constante desenvolvimento tornam impossível o seu controlo dessa forma.

#### *Domínio mundial*

O auge do mito dos judeus enquanto conspiradores é a ideia de que os judeus conspiram para conquistar o mundo em seu próprio proveito. *Os Protocolos dos Anciãos de Sião*, que continuam a ser populares em edições reemergentes em dezenas de línguas em todo o mundo até hoje, é talvez o exemplo mais claro

e mais conhecido desta teoria. Hoje em dia, o meme “The Goyim Know” (Os Goyim sabem) é utilizado nas redes sociais para perpetuar este mito, tal como os memes e artigos sobre os reptilianos, os Illuminati e a Nova Ordem Mundial.

É notório que o número de relatos de incidentes antissemitas em alguns Estados participantes na OSCE aumentou durante períodos de tensão acrescida no conflito israelo-palestiniano.<sup>8</sup> Isto mostra a importância de compreender que o povo judeu como um todo e o judaísmo estão separados das ações de Israel e dos conflitos no Médio Oriente. Quando esta distinção não é clara, a raiva perante a situação atual em Israel ou na Palestina corre o risco de se transformar em antissemitismo ou preconceito contra os judeus a nível individual ou o povo judeu em geral. Os judeus e a população muçulmana na região da OSCE

têm direito aos direitos humanos e a viverem as suas vidas com dignidade e sem medo, discriminação ou hostilização, independentemente da política ou dos comportamentos dos respetivos governos no Médio Oriente. Além disso, considerar os judeus coletivamente responsável pelas ações do governo de Israel é inaceitável e também uma forma de antissemitismo.

Uma tarefa desafiante para todos os professores é identificar incidentes ofensivos de natureza antissemita e distingui-los claramente das críticas às políticas ou ao governo de Israel. Os professores podem achar útil consultar as definições disponíveis ao responder a casos de antissemitismo e outras formas de preconceito.

Eis algumas questões a considerar em relação à questão de as críticas a Israel estarem ou não a atravessar a linha do antissemitismo:

---

<sup>8</sup> Por exemplo: Jonathan Boyd e L. Daniel Staetsky, “Could it happen here? What existing data tell us about contemporary antisemitism in the UK”, Instituto de Investigação de Políticas Judaicas, maio de 2015, p. 7, <<https://archive.jpr.org.uk/download?id=2227>> e “Fragile Mitte-Feindselige Zustände: Rechsextreme Einstellungen in Deutschland 2014”, Freidrich Erbert Stiftung, 2014, p. 9, <<http://dietz-verlag.de/downloads/leseproben/0458.pdf>>.

- Todos os judeus estão a ser considerados responsáveis pelas ações de Israel?
- São utilizados símbolos, imagens, estereótipos ou teorias antissemitas tradicionais?
- Israel está a ser responsabilizado pelos problemas do mundo?
- Israel está a ser comparado aos nazis, os seus líderes estão a ser comparados a Hitler ou as suas ações ao Holocausto?
- Estão a ser feitas acusações exageradas e inventadas contra Israel e/ou os judeus, por exemplo, sob a forma de teorias da conspiração?
- Os judeus e/ou Israel são culpados pelo Holocausto ou pela continuação do antissemitismo?
- Os judeus, enquanto pessoas ou instituições judaicas, são atacados verbal ou fisicamente porque são judeus como forma de protesto contra Israel?

“O antissemitismo é uma certa perceção em relação aos judeus, que pode ser expressa como ódio contra os judeus. As manifestações retóricas e físicas de antissemitismo são dirigidas a judeus ou não judeus e/ou aos seus bens, a instituições e instalações religiosas da comunidade judaica.”

Definição operacional de antissemitismo adotada pela Aliança Internacional para a Memória do Holocausto (IHRA) em 2016, <<https://www.holocaustremembrance.com/working-definition-antisemitism>>.

No contexto dos debates sobre a evolução do panorama internacional, incluindo os do Médio Oriente, é importante recordar que os Estados participantes da OSCE reafirmaram, em numerosas ocasiões, o direito à reunião pacífica e que a liberdade de expressão é um direito humano fundamental e uma componente básica de uma sociedade democrática.

Entrar num debate sobre a situação no Médio Oriente requer que um educador tenha um conhecimento substancial sobre a história da região, as diferentes narrativas em circulação, bem como o direito

humanitário internacional aplicável e o direito internacional dos direitos humanos. Considere convidar um orador com esta especialização para discutir a situação na Palestina e outros conflitos no Médio Oriente com os seus alunos.

## O que é o sionismo?

Sião é um antigo nome hebraico para Jerusalém que representa a ligação histórica e religiosa do povo judeu com a terra de Israel. O desejo de regressar à terra de Israel tem sido um tema recorrente nas orações judaicas ao longo dos séculos. O sionismo político surgiu no final do século XIX em grande parte como resposta à ascensão de outros nacionalismos e do antissemitismo na Europa, tais como os pogroms antijudaicos no Império Russo ou o caso Dreyfus em França.\* O objetivo do sionismo político era estabelecer um Estado judaico onde os judeus pudessem expressar livremente a sua cultura e religião — considerada a única forma de garantir a sobrevivência dos judeus face às crescentes ameaças, apesar de os judeus ganharem plenos direitos em alguns países europeus.

Desde o estabelecimento de Israel em 1948, o sionismo político tem sido expresso principalmente no apoio contínuo à autodeterminação judaica, mantendo Israel como um porto seguro para os judeus em todo o mundo, e fomentando uma identidade cultural judaica partilhada. Com o tempo, o termo “Sionismo” assumiu múltiplos significados, contribuindo para a confusão contemporânea. As pessoas que criticam o sionismo chamaram-lhe uma ideologia colonial ou racista,

responsável pela crise dos refugiados palestinianos que se tem mantido desde a criação do Estado de Israel e por novos colonatos judaicos em territórios ocupados. Literalmente falando, antissionismo significa oposição à ideia de autodeterminação judaica e ao direito a uma pátria para os judeus no Estado de Israel. O termo “antissionista” é agora por vezes utilizado para significar “pró-Palestina.”

É importante reconhecer que a defesa dos direitos dos palestinianos não é antissionista ou antissemita. Em todo o mundo, existem questões relacionadas com a desigualdade, o racismo, os direitos das minorias e dos refugiados. Israel deve ser chamado a respeitar as leis e normas internacionais, assim como todos os outros Estados.

\* O caso Dreyfus (1894-1906) diz respeito a um escândalo político em que o capitão do exército francês Alfred Dreyfus, de ascendência judaica, foi falsamente condenado por espionagem a favor do governo alemão. O caso, que ganhou a atenção internacional, abalou a República Francesa ao ponto de rebentarem tumultos antissemitas em mais de 20 cidades francesas. Para obter mais informações, ver: Elizabeth Nix, “What was the Dreyfus affair?”, History.com, 14 de janeiro de 2015, <<https://www.history.com/news/what-was-the-dreyfus-affair>>.

Para uma comparação lado a lado das narrativas históricas israelitas e palestinianas, ver o folheto sobre “Learning from each other’s historical narrative: Palestinians and Israelis” (Aprender com a narrativa histórica de outras pessoas: palestinianos e israelitas) do Instituto de Investigação para a Paz no Médio Oriente: <<http://vispo.com/PRIME/narrative.pdf>>.

---

# Estratégias de sala de aula para educar os alunos sobre antissemitismo, incluindo no contexto de debates relacionados com a situação no Médio Oriente

A secção abaixo fornece algumas ferramentas pedagógicas para apoiar os professores nos seus esforços para abordar este tópico complexo. Cursos que aludem a situações políticas, incluindo no Médio Oriente, podem provocar debates desafiantes. Tais debates podem não ser abstratos para alguns ou muitos alunos de uma determinada sala de aula. Neste contexto, é útil ter em mente vários princípios:<sup>9</sup>

- abordar o preconceito de grupo — os educadores podem explicar que as pessoas devem ser responsabilizadas pelas suas próprias ações, mas responsabilizá-las pelas supostas ações de um grupo de pessoas com quem podem partilhar uma característica (como a religião) é uma forma de preconceito;
- incentivar os alunos a considerarem vários pontos de vista — os educadores podem criar atividades que permitam aos alunos ver

uma série de perspetivas sobre uma determinada situação ou conflito. Isto permitirá aos alunos ver os acontecimentos de diferentes pontos de vista e permitir-lhes-á refletir adotando uma perspetiva mais ampla de uma situação política antes de formarem as suas próprias opiniões;

- explorar a complexidade — enquanto analisam diferentes perspetivas e narrativas através de uma exploração profunda da história, os educadores podem pedir aos alunos que identifiquem vários aspetos de uma situação atual, não apenas políticos, e os enumerem no quadro;
- reconhecer abordagens preconceituosas ou antidemocráticas — os educadores podem orientar os alunos a explorarem sítios específicos das redes sociais em pares ou em grupos maiores e responder a perguntas de debate para comparar o discurso em torno da

situação no Médio Oriente e identificar estereótipos antissemitas ou outros, quando presentes; e

- contrabalançar imagens distorcidas — os educadores podem contrabalançar imagens distorcidas ou tendenciosas, orientar os alunos na análise das fontes dos meios de comunicação e analisar as provas da validade do seu conteúdo. Podem fazer com que os alunos escolham duas fontes diferentes de meios de comunicação e comparar como optam por representar a situação no Médio Oriente.

À medida que os alunos utilizam as capacidades de pensamento crítico, irão adquirir uma compreensão mais profunda das complexidades do antissemitismo ou de outras formas de preconceito centrado no grupo, e ainda por que razão a abordagem baseada nos direitos humanos é tão importante na resposta ao preconceito. Considerar

---

<sup>9</sup> Estes exemplos são extraídos de *Addressing antisemitism: Why and How? A Guide for Educators*, op. cit., nota 5.

a criação de algumas “regras de participação” para iniciar o debate na sala de aula. Para orientação sobre como estabelecer tais regras, pode consultar o material pedagógico n.º 5 do ODIHR, sobre “Ensinar sobre antissemitismo através da educação sobre o Holocausto”.

#### O que fazer se...?

##### **... um aluno ou professor for hostilizado com insultos anti-israelitas por ser judeu?**

Os recursos educativos anti-intimidação podem ser uma ferramenta apropriada para abordar questões relacionadas com a hostilização na escola. A melhor forma de abordar este tema é através de um projeto a nível escolar, uma vez que as questões comportamentais podem ocorrer como parte de uma cultura escolar mais ampla. Isto pode combinar-se com uma educação antipreconceito que aborde o antissemitismo, bem como outras formas de racismo e exclusão, tais como a discriminação baseada no género.

#### Atividade

- Os alunos identificam exemplos de intolerância atual em relação aos judeus e outros grupos que enfrentam preconceitos e reveem o contexto histórico do preconceito e as suas semelhanças e diferenças.
- Os alunos analisam a forma como os judeus são representados por diferentes fontes mediáticas e identificam se os judeus são reconhecidas como membros correntes da sociedade humana, como estereótipos antissemitas ou apenas dentro de certos contextos que transmitem visões simplistas ou limitadas da experiência judaica ao longo da história (por exemplo, como intervenientes em conflitos no Médio Oriente).
- Os alunos são capazes de reconhecer quando as adaptações modernas de tropos antissemitas antigos estão a ser utilizadas no debate público sobre Israel e os israelitas.

A primeira coisa a fazer é proteger a vítima de qualquer outra hostilização ou intimidação. Se testemunhar o incidente, separe imediatamente as pessoas envolvidas e não tente intermediar a situação no local. Se tiverem ocorrido lesões corporais, procure assistência médica. Se tiver havido um ataque físico ou uma ameaça de violência, siga os procedimentos oficiais da escola, o que pode implicar chamar a polícia.

Informe a vítima que sabe o que está a acontecer e que pode confiar em si para a ajudar. Se for um aluno que tenha sofrido hostilização, os seus pais devem ser informados. Siga a política da escola relativamente a como responder adequadamente à intimidação e hostilização. Se a sua política escolar não lhe permitir resolver este incidente, então considere a possibilidade de

abordar a falta de clareza ou o desajuste da política com a sua direção escolar.

Assim que o incidente específico tenha sido tratado adequadamente, há necessidade de considerar outras medidas preventivas que possam ser tomadas para abordar quaisquer fatores subjacentes. Será útil compreender o que desencadeou o incidente, bem como o contexto, a fim de determinar a melhor linha de ação a curto e longo prazo.

Pode haver necessidade, por exemplo, de expandir a compreensão geral sobre o povo judeu ou do judaísmo, de esclarecer e distinguir explicitamente entre as ações de um governo atual ou passado e a diversidade de um grupo de pessoas que podem (ou não) partilhar alguns elementos religiosos ou culturais de identidade (ver material pedagógico

## Atividade

Utilize exemplos positivos de amizade pessoal entre pessoas de lados opostos no conflito israelo-palestiniano. Por exemplo, ver Capítulo 6 (Amal and Odelia) em *Teaching Materials to Combat Anti-Semitism – Part 2: Anti-Semitism: a never-ending struggle?*, publicado pelo ODIHR e pela Anne Frank House, que poderá encontrar aqui: <<https://www.osce.org/odihr/24568?download=true>>.

n.º 1 do ODIHR, “Aumentar o conhecimento sobre a população judaica e o judaísmo”). Também poderia ser útil consultar o material pedagógico n.º 8 do ODIHR, “Lidar com incidentes antissemitas” para obter orientação sobre como desvendar o que motiva a pessoa a cometer tais atos.

Será importante assegurar, através das suas ações de acompanhamento, que os alunos entendam que é perfeitamente legítimo criticar as políticas do governo do Estado de Israel, tal como é legítimo criticar as políticas de qualquer outro Estado. Mas também que responsabilizar os judeus a nível individual ou os judeus de forma coletiva pela situação no Médio Oriente ou excluir pessoas com base apenas na sua identidade judaica, é antissemita e não aceitável.

**... um aluno acusar “os judeus” ou Israel de cometerem crimes semelhantes aos dos nazis?**

A raiva dos alunos perante a injustiça e o sofrimento globais pode, por vezes, ser demonstrada numa expressão de empatia por um grupo de pessoas que estão a sofrer. A raiva é uma reação normal à injustiça, mas torna-se problemática ou perigosa quando a culpa é atribuída ao povo judeu como um todo ou utilizada para justificar ou minimizar o impacto do antissemitismo contemporâneo ou histórico. Este incidente pode também, como acima referido, indicar a necessidade, por exemplo, de expandir a compreensão geral da diversidade do povo judeu e das pessoas que vivem em Israel, bem como de clarificar e distinguir explicitamente entre as ações de um governo atual ou anterior e um grupo de pessoas que podem (ou não) partilhar alguns elementos religiosos ou culturais de identidade.

É importante reconhecer a empatia dos alunos, reconhecer o sofrimento

e sugerir que se trata de uma questão complexa. Sem minimizar as lutas de qualquer outra pessoa ou grupo, é igualmente importante transmitir que o Holocausto é um acontecimento sem paralelo na história, por muitas razões.<sup>10</sup> Uma tentativa de minimizar o facto de que os judeus foram as vítimas específicas deste genocídio recai na categoria de distorção ou banalização do Holocausto. O sofrimento de um grupo não é negado pelo de outro.

Chame a atenção para a diferença entre homicídio, atrocidade em massa e genocídio. A compreensão da definição e origem do termo “genocídio” é crucial. O termo foi cunhado em 1943 pelo advogado judeu polaco Raphael Lemkin, que combinou a palavra grega “genos” (raça ou tribo) com a palavra latina “cide” (matar). Os esforços de Lemkin prepararam o terreno para a adoção da Convenção das Nações Unidas sobre o Genocídio em dezembro de 1948, que entrou em vigor em janeiro de 1951. Na Convenção, genocídio significa qualquer dos seguintes atos cometidos

<sup>10</sup> Para mais informações sobre este tema, ver o material pedagógico n.º 6 do ODIHR “Abordar a negação, a distorção e a banalização do Holocausto.”

Para mais informações sobre genocídios passados e presentes, e sobre as dez fases do genocídio para efeitos de análise da situação, visite Genocide Watch: <<https://www.genocidewatch.com/tenstages>>.

**com intenção de destruir**, no todo ou em parte, um grupo nacional, étnico, racial ou religioso:

- assassinato de membros do grupo;
- causar danos à integridade física ou mental de membros do grupo;
- impor deliberadamente ao grupo condições de vida que possam causar a sua destruição física total ou parcial;
- impor medidas que impeçam a reprodução física dos membros do grupo; e
- transferir à força crianças de um grupo para outro.<sup>11</sup>

O Tribunal Penal Internacional para o Ruanda (ICTR) condenou uma série de pessoas pelo genocídio que teve lugar em 1994. O massacre de 1995 em Srebrenica, na Bósnia-Herzegovina, foi considerado um genocídio pelo Tribunal Penal Internacional para a ex-Jugoslávia (ICTY).

**... um aluno disser que Israel deve ser apagado do mapa?**

Esta frase tem sido atribuída a diferentes líderes de todo o Médio Oriente em vários momentos da história. A frase originou manchetes de jornais em todo o mundo em 2005, embora os especialistas tenham notado que as observações em questão não foram traduzidas com precisão a partir da língua original.<sup>12</sup> Outras formas de antissemitismo contemporâneo questionam a legitimidade do Estado de Israel, o que para muitos judeus também ameaça o seu direito à autodeterminação.

A declaração pode revelar um antissemitismo mais extremo, ou pode ter sido repetida como uma provocação na aula, para chamar a atenção. Pode também indicar um interesse na política internacional relacionada com a situação no Médio Oriente e a sua cobertura nos meios de comunicação social. A resposta a esta frase deve ser moldada pela motivação e influências subjacentes à mesma. Poderia ser

informativo explorar mais a declaração, tendo o cuidado de não dar aos pontos de vista extremistas uma voz credível na sala de aula. As respostas ajudarão a determinar o quão profundamente enraizada está a crença desta pessoa numa determinada ideologia, agenda política ou preconceito. Assim que tiver maior clareza quanto às causas subjacentes a esta frase, será mais fácil decidir que tipo de acompanhamento é mais adequado.

A propaganda antissemita que circula online é uma fonte chave para estas manifestações de antissemitismo. Tente ter uma conversa privada com o aluno em causa para compreender melhor o que está na base das suas crenças e com que fontes o aluno poderá estar em contacto. Em certos países da OSCE, pode ser necessário informar os alunos de que algumas formas de discurso de ódio são puníveis criminalmente.

Pode também decidir que é mais apropriado não dar ao aluno uma

<sup>11</sup> Convenção das Nações Unidas para a Prevenção e a Repressão do Crime de Genocídio, Artigo II (9 de dezembro de 1948), <<https://treaties.un.org/doc/publication/unts/volume%2078/volume-78-i-1021-english.pdf>>.

<sup>12</sup> Para mais informações, ver Jonathan Steele (2006), "Lost in translation", *The Guardian*, Londres, Reino Unido, 14 de junho de 2006, <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2006/jun/14/post155>>.

Para mais informações, ver o material pedagógico n.º 9 do ODIHR “Lidar com o antissemitismo online”.

oportunidade de desenvolver a sua opinião. Mas é importante que a turma saiba que declarações como estas, que essencialmente apelam à violência ou à guerra, não serão toleradas. A declaração, e a reação de outros alunos à mesma, pode ser uma indicação de que é necessária uma abordagem deliberada e faseada para abordar o antissemitismo na sala de aula.

Os educadores devem orientar os alunos no desenvolvimento de competências de literacia mediática e informacional, o que lhes permitirá identificar e rejeitar representações antissemitas, reivindicações extremistas e teorias conspiratórias ou apelos à rejeição de valores democráticos. É importante que os alunos sejam capazes de identificar estes elementos como tais, mesmo num contexto de imagens emocionais ou de referência ao sofrimento. A literacia mediática e informacional ajuda a construir as capacidades de pensamento crítico e a capacidade de resistência dos alunos ao fascínio das explicações simplistas. Explore com os colegas de que forma a sua escola pode:

## Atividade

Apresente o sistema das Nações Unidas aos seus alunos, explicando que este foi estabelecido como uma forma de manter a paz e a segurança internacionais, inclusive suprimindo atos de agressão e resolvendo litígios internacionais através de meios pacíficos, como resposta à destruição em massa e à vasta perda de vidas durante a Segunda Guerra Mundial.

É agora um princípio básico do direito internacional que os Estados não possam usar a força contra a “integridade territorial ou independência política” de outro Estado e os 193 Estados-Membros da ONU concordaram com isto e em encontrar soluções pacíficas para os seus desacordos.\*

\* Ver n.º 3 e 4 do Artigo 2 no Capítulo I da Carta das Nações Unidas de 1945, em: <<https://www.un.org/en/about-us/un-charter>>; e Capítulo IV (Integridade territorial dos Estados) da Ata Final de Helsínquia de 1975, com que todos os Estados participantes na OSCE se comprometeram, <<https://www.osce.org/helsinki-final-act?download=true>>

- orientar os alunos para desenvolverem os conjuntos de competências necessários para avaliar as provas e discernir quais as informações em que se pode confiar com base numa investigação verificável ou numa lógica objetiva; e
- avaliar a utilização segura da Internet por parte dos alunos para compreender e corrigir os défices de competências e de conhecimentos.

---

# Recursos e materiais para leitura complementar

Para uma lista de recursos sobre as diferentes correntes do Sionismo, a sua história e desenvolvimento, ver Derek Penslar, *Zionism from Its Inception to 1948*, Oxford Bibliographies, <<https://www.oxfordbibliographies.com/view/document/obo-9780199840731/obo-9780199840731-0006.xml>>.

Para uma bibliografia abrangente de fontes de informação contextual, ver o Guia de Pesquisa da Biblioteca de Yale sobre Política para o Médio Oriente: <<https://www.library.yale.edu/neareast/politics1.html>>.

Para informações sobre Judeus e Sionismo, ver o website de The Anne Frank House — Tópicos: <<https://www.annefrank.org/en/topics/antisemitism/are-all-jews-zionists/>>.

Para exemplos positivos de amizades pessoais entre pessoas de lados opostos no conflito israelo-palestino, ver o Capítulo 6 (Amal e Odélia) em *Teaching Materials to Combat Antisemitism*, “Part 2: Anti-Semitism: a never-ending struggle?”, publicado pelo ODIHR e pela Anne Frank House: <<https://www.osce.org/odihr/24568?download=true>>.

Os seguintes recursos fornecem apoio à abordagem do conflito do Médio Oriente na turma:

“Living with Controversy — Teaching Controversial Issues Through Education for Democratic Citizenship and Human Rights”, Conselho da Europa, <<https://www.coe.int/en/web/campaign-free-to-speak-safe-to-learn-/living-with-controversy-teaching-controversial-issues-through-education-for-democratic-citizenship-and-human-rights-edc-hre-2016->>.

Para uma comparação das narrativas israelitas e palestinianas, ver: “Learning Each Other’s Historical Narratives: Palestinians and Israelis” (Aprender com a narrativa histórica de outras pessoas: palestinianos e israelitas), Instituto de Investigação para a Paz no Médio Oriente: <<http://vispo.com/PRIME/leohn1.pdf>>.

Para material sobre genocídios e as suas fases, ver “The Ten Stages of Genocide”, Genocide Watch: <<https://www.genocidewatch.com/tenstages>>.

---

Para planos de aulas disponíveis em várias línguas, ver o website do Serviço Público Americano de Radiodifusão PBS:

- Sobre o dilema de proteger a liberdade de expressão (específico para os Estados Unidos):  
<<http://www.pbs.org/newshour/extra/lessons-plans/the-dilemma-of-protecting-free-speech/>>;
- Sobre fazer a diferença no meio do conflito israelo-palestiniano:  
<<https://www.pbs.org/wnet/wideangle/for-educators/making-a-difference-in-the-midst-of-the-israeli-palestinian-conflict-lesson-overview/6004/>>; e
- Sobre a Cimeira de Paz Israelo-Palestiniana:  
<<http://www.pbs.org/wgbh/globalconnections/mideast/educators/nations/lesson3.html>>.

Para mais orientações sobre abordar manifestações de antissemitismo em contextos educativos, ver o Capítulo 5 de: *Addressing Anti-Semitism through Education: Guidelines for Policymakers* (Varsóvia: ODIHR e UNESCO, 2018),  
<<https://www.osce.org/odihr/383089>>.

